



Podca\$t Economia\$ Mutante\$

Podcast\$t Economia\$ Mutante\$
Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações
Episódio #2: Economia do Ahorro
Roteiro: Juliana Silva Chagas
Edição de roteiro: Irene do Planalto Chemin e Kelly Silva

ABERTURA

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal]

Kelly: Olá, bem vindos, bem vindas e bem vindes ao Economia\$ Mutante\$. Um podcast sobre transformações econômicas contemporâneas, pelas lentes da antropologia. Eu sou Kelly Silva, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

Como tudo na vida, a economia é um fenômeno em constante mutação. Suas transformações são consequências de fatos políticos, sociais, ambientais, tecnológicos, morais, de mudanças na infraestrutura, só para citar alguns exemplos. Assim, ao longo da nossa série de podcasts provocamos vocês a pensar como a economia é alterada por fatos que estão fora dela. Porque as economias são formas mutantes, os formatos dos podcasts de nossa série também variam ao longo do tempo. Quem sabe essas estórias nos ajudem a imaginar outras possibilidades de economia, provocando mutações nos nossos pensamentos?

O Economia\$ Mutante\$ de hoje nos leva a Cuba. Por meio da pesquisa realizada por Juliana Chagas nas chamadas casas de renta, casas autorizadas pelo governo cubano a receber turistas, vamos conhecer o que lá é chamado de ahorro, que significa poupar ou economizar, e traduz as relações do dia-a-dia entre pessoas, coisas, políticas e sustento

em Cuba. A economia do ahorro, como sugere a Juliana, desafia modelos econômicos tradicionais ao revelar a coexistência entre o Estado socialista, a dolarização e as estratégias informais de subsistência, tal como presentes nas casas de renta em Camagüey. Como o turismo internacional, que é a principal fonte de renda da ilha, e as transformações econômicas recentes em Cuba se cruzam na gestão cotidiana de recursos? Pelas lentes dos trabalhadores por conta própria, os cuentapropistas, penetraremos nas nuances da economia real cubana, onde a fluência na negociação e na gramática monetária são centrais. Nosso episódio tem como base as pesquisas realizadas por Juliana Chagas em Camagüey, Cuba, entre 2023 e 2025.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

CENA 1 – O CONVITE PARA O EMARANHADO

Juliana: A primeira coisa que me disseram quando planejei minha pesquisa em Cuba foi: “leve dólares em espécie. E nada de notas grandes”. Desembarquei em Havana com uma ansiedade familiar pra qualquer pesquisadora de campo, e uma carteira cheia de cédulas de vinte dólares. Minha anfitriã, Daniela, me recebeu com um café forte. Ela era uma senhora com o olhar experiente de quem já viu muitos turistas passarem por sua *casa de renta*. A cortesia cubana é imediata e genuína. Mas depois do café, veio a pergunta que era, ao mesmo tempo, oficialmente uma transgressão e paralelamente minha primeira lição de economia cubana: “*¿Quieres cambiar tus dólares?*”. Eu sabia que a primeira regra pra um estrangeiro em Cuba era não cambiar dinheiro num banco.

Naquele momento, na sala da Daniela, eu não tava apenas trocando cem dólares por uma imensa pilha de pesos cubanos. Eu tava cruzando a fronteira não oficial da economia cubana. A taxa que ela me ofereceu, 1 por 170, era uma ficção e uma realidade completas perante a taxa oficial do Estado, que era 1 por 124. Aquela transação, entre aspas, “ilegal”, porém cotidiana, foi minha porta de entrada pra entender a realidade mais profunda da ilha: uma economia intensamente dolarizada, onde o estado socialista e o mercado informal não se anulam, mas se entrelaçam de maneira complexa e paradoxal. Era meu primeiro mergulho no que eu aprenderia a chamar de “a *economia do ahorro*.”

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

CENA 2 – CHEGADA EM CAMAGÜEY - UMA CIDADE LABIRÍNTICA

Juliana: Alguns dias depois, deixei Havana pra trás e embarquei numa viagem de ônibus de 537 km rumo a Camagüey. A diferença foi imediata. Se Havana é intensa, barulhenta, turística, Camagüey respira outro ritmo. A capital da maior província de Cuba é uma cidade plana, onde ruas centrais são preenchidas pelos trabalhadores, donas de casa e vendedores locais. Sons de buzinas de motonetas elétricas e bicitáxis motorizados se misturam ao trote dos cavalos que puxavam as carroagens coletivas conhecidas como “coches” ao longo das ruas de paralelepípedos. **[Efeito sonoro com som de coches, motonetas e pessoas na rua]** O centro histórico de Camagüey é literalmente um labirinto. Diz a lenda que foi construída assim pra confundir piratas. Pra mim, era a metáfora perfeita pra economia que eu vinha estudar: complexa, cheia de voltas, onde é fácil se perder se você não conhece os caminhos.

A casa da minha nova anfitriã, Carmen, ficava na rua principal, no centro. Ao contrário da Daniela, em Havana, Carmen e o marido, Juan, moravam na própria casa e alugavam um quarto com entrada independente e também uma *habitación* dentro de casa. Essa foi minha primeira lição prática sobre os diferentes perfis das *casas de renta*.

Na primeira noite, a Carmen me convidou pra jantar com a família. Foi um gesto de hospitalidade, mas também uma janela pro cotidiano. O jantar era simples: arroz, feijão preto, uma porção de porco, salada de tomate e pepino e banana frita. Enquanto comíamos, Carmen me explicou os desafios de cozinhar pra família e pros hóspedes. “*Hay que ahorrar*”, ela disse, apontando pra comida no prato. “Temos de calcular tudo, porque o preço dos alimentos muda quase que diariamente”. É um equilíbrio difícil. Por isso Carmen já não oferecia mais refeições para os hóspedes na sua *casa de renta*. Aquela frase, “*hay que ahorrar*”, eu já tinha ouvido em Havana. Agora, em Camagüey. E ela começava a ganhar camadas de significado.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

CENA 3 – O PÃO HISTÓRICO - POR QUE O DÓLAR?

Juliana: Pra entender por que o dólar americano, o símbolo máximo do capitalismo, reina em uma nação socialista, precisamos voltar no tempo. A história recente de Cuba é uma

série de choques e adaptações econômicas.

O primeiro grande choque foi o fim da União Soviética, no início dos anos 90. De uma hora pra outra, Cuba perdeu seu principal aliado comercial e subsidiário. O país entrou no que ficou conhecido como *Periodo Especial*, uma era de escassez extrema. Foi uma crise profunda.

Mas, é crucial entender que essa escassez é intensificada há décadas por um fator externo decisivo: o embargo econômico comercial e financeiro imposto pelo governo dos Estados Unidos desde os anos 60. Esse embargo, conhecido em Cuba como “*el bloqueo*”, restringe drasticamente o comércio internacional da ilha, encarece as importações, limita o acesso a financiamento e tecnologia, e é um pano de fundo constante pra todas as dificuldades econômicas que testemunhei.

Foi nesse contexto, em 1993, que o governo cubano, pragmaticamente, legalizou a posse de dólares pelos cidadãos comuns. Imagine só: depois de décadas de uma economia estatal fechada, de repente, ter dólares não era mais crime. Era uma necessidade de sobrevivência. O estado precisava de uma forma de atrair moeda de reserva internacional para o país. Na sequência, também em 1993, surgiu a figura do *cuentapropista*, o trabalhador por conta própria.

[Efeito sonoro de televisão ligando]

Áudio do vídeo [Raúl Castro sobre el trabajo por cuenta propia](#): Debemos defender sus intereses, repito. Debemos defender los intereses de los trabajadores por cuenta propia, igual que hacemos con cualquier otro ciudadano siempre que actúen en cumplimiento a las normas jurídicas aprobadas. En esta dirección revista de gran importancia la introducción en los diferentes niveles de la enseñanza. De los conceptos básicos del sistema tributario con el objetivo de familiarizar de manera permanente y concreta las nuevas generaciones en la aplicación de los impuestos, como la forma más universal de redistribución de la renta nacional en interés del sostenimiento los gastos sociales y de ayuda a los más necesitados.

[Efeito sonoro chiado de televisão]

Áudio do vídeo [Amplian modalidades del trabajo por cuenta propia](#): El crecimiento del sector no estatal de la economía marcha de forma acelerada en el país. Según datos oficiales al cierre de junio del presente año, ejercen el trabajo por cuenta propia más de 390 000 cubanos, 233 000 más que los inscritos en esta modalidad de empleo en septiembre de 2010, cuando se aprobaron las medidas para flexibilizar el ejercicio del trabajo por cuenta propia en el país. La información oficial del Ministerio de Trabajo y Seguridad Social detalla que entre las actividades con mayor aceptación, se destacan los trabajadores contratados, la elaboración y venta de alimentos y el transporte de carga y pasajeros, seguido de los llamados carretilleros o vendedores de productos agrícolas de forma ambulatoria y el arrendamiento de viviendas entre otras modalidades.

[Efeito sonoro de televisão desligando]

Juliana: Era um pequeno, mas significativo, afrouxamento do controle estatal total sobre a economia. Primeiro veio pra serviços básicos: mecânicos, cabeleireiros. Mas em 1997, essa permissão chegou ao turismo, dando origem legal às *casas de renta* particulares. E o que são exatamente essas *casas de renta*? Pro ouvinte que nunca esteve em Cuba, imagine a sua própria casa. Agora imagine que você pode obter uma licença do governo pra alugar um quarto ou um anexo para turistas estrangeiros. Essa é a essência de uma *casa de renta*. É um negócio familiar, uma microempresa que opera dentro do próprio lar. É uma combinação única de espaço doméstico e empreendimento comercial. Os anfitriões, como a Daniela em Havana ou a Carmen em Camagüey, não são grandes empresários hoteleiros. São famílias que abrem suas portas, e essa proximidade com o turista é justamente um dos seus principais atrativos.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

O turismo internacional se tornou a principal válvula de escape econômica, a principal fonte de entrada de dólares. Mas isso criou um problema: uma economia dual. De um lado, a economia em pesos cubanos, com salários estatais baixos e acesso a produtos básicos subsidiados, mas limitados. De outro, uma economia paralela, em dólares, com acesso a bens de consumo, eletrodomésticos, produtos de última tecnologia – tudo o que o Estado, sob embargo, não conseguia fornecer em quantidade ou qualidade a todos os cidadãos.

Durante anos, Cuba tentou gerir essa dualidade com uma moeda artificial, o CUC (Peso Cubano Conversível). Cada nota de CUC valia 1 dólar. Mas era uma ficção que não se sustentava. Em 2021, num movimento ousado e caótico, o governo unificou as moedas e eliminou o CUC. O objetivo era simplificar. O resultado, porém, foi a consolidação total do dólar como a moeda de referência real. A unificação não acabou com a dualidade; apenas tornou o dólar ainda mais central e expôs a fragilidade do peso cubano, que se desvalorizou rapidamente.

[Efeito sonoro de televisão ligando]

Áudio do vídeo [Cuba inicia cuenta atrás hacia unificación monetaria](#): Inmersa en su crisis más grave en los últimos 30 años, Cuba emprende la recta final hacia la unificación de sus dos monedas y múltiples tasas de cambio el primero de enero, una medida que los expertos y la población reconocen imprescindible, pero sobre la que planea el fantasma de la inflación. La unificación propuesta durante 7 años era una de las reformas más acuciantes para actualizar el modelo socialista cubano.

Llegará acompañada de una reforma salarial, de las pensiones, retirada de subsidios y un incremento de los precios de bienes y servicios como la electricidad cuyo precio se multiplicará hasta por cinco según el consumo. Todas estas directrices, entre ellas varios decretos, ley y resoluciones, se recogen en la última Gaceta Oficial que cientos de cubanos estudiaban con lupa para conocer cómo quedan sus salarios y cuáles serán las nuevas tarifas de productos como el pan, los frijoles o el combustible.

Hay que esperar, hay que esperar a ver qué pasa para uno, no sé, para experimentar lo que va a pasar, o sea, adelantarse a los acontecimientos, creo que que O sea, es preocuparse por gusto. O sea, vamos a preocuparnos cuando lleguemos al momento y vemos cómo es la cosa, entonces ahí en adelante vamos a ver cómo nos administramos la vida.

[Efeito sonoro de televisão desligando]

Juliana: E a unificação monetária aconteceu no auge de outra crise colossal: a pandemia de Covid-19. Desde março de 2020, as fronteiras de Cuba estavam completamente fechadas como uma das medidas de contenção mais radicais e eficazes do mundo. O que

isso significou na prática? Significou que o governo escolheu o momento de maior asfixia econômica possível pra implementar uma reforma monetária extremamente complexa. O fluxo de turistas – e, portanto, de dólares, a principal fonte de oxigênio pros *cuentapropistas* e pra economia – havia secado por completo. As *casas de renta* estavam vazias, os restaurantes e os cafés estavam fechados, e a vida cotidiana se tornou ainda mais precária. A reabertura das fronteiras só começaria de forma paulatina mais de um ano e muitos meses depois, num processo que ainda tava em curso quando cheguei pra minha pesquisa de campo em 2023. A sobreposição do choque pandêmico com o choque monetário demonstrou a vulnerabilidade de um modelo que tem dependido tanto desse setor quanto de moeda estrangeira.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

CENA 4 – O DIA A DIA DO AHORRO - FILAS, REDES E CÁLCULOS

Juliana: Em Camagüey, a teoria histórica rapidamente se transformou em prática cotidiana. Uma das imagens mais marcantes da cidade, e de Cuba como um todo, são as filas. Filas intermináveis do lado de fora das lojas, isso é o que chamamos em Cuba de *tiendas*. Não são filas de pessoas à espera do modelo mais novo de iphone ou de um show de uma diva pop. São filas de pessoas à espera de comprar... TU DO. De frango, óleo, arroz, papel higiênico, sabão, desinfetante, enlatados, bebidas... As *tiendas* são de dois tipos: as MIPYME e as MLC. As *tiendas* MIPYME são as lojas privadas, cooperativas, estatais ou mistas que comercializam os produtos em pesos cubanos; o termo MIPYME é um acrônimo que significa *Micro, Pequeña Y Mediana Empresa*, e elas surgiram em 2021, alguns meses depois da unificação das moedas que falei antes, lembra? E as *tiendas* MLC são as lojas estatais onde os produtos são vendidos em MLC, ou seja, em “Moeda Livremente Conversível”, que é uma moeda virtual. Pra comprar nas *tiendas* MLC, é necessário ter cartão de débito associado a contas em MLC, no caso dos cidadãos cubanos, ou cartões internacionais em moeda estrangeira, no caso dos turistas e moradores estrangeiros, porque essas lojas não aceitam pagamento em espécie em moeda nenhuma.

E ainda tem as *Bodegas de la Libreta*, ou simplesmente Las Bodegas, que são estabelecimentos estatais onde produtos essenciais (como pão, ovos, açúcar, sal, óleo) são vendidos a preços subsidiados pelo governo. O acesso é controlado por um sistema

de caderneta, conhecido como *libreta de abastecimiento*. Cada família cubana tem direito a uma *libreta* que define a quantidade específica de produtos que podem comprar por mês a preços muito baixos. O problema é que, atualmente, os produtos muitas vezes não estão disponíveis nas *bodegas*. A cesta básica da *libreta* cobre apenas 7 a 10 dias de alimentação por mês pra uma família.

Voltando às filas, um dia, perguntei à Carmen porque tinham filas diárias em frente a tantas dessas *tiendas*. Ela sorriu com uma pitada de cansaço. “*Quiere decir que hay algo allí*”, ela disse. Significa que tem alguma coisa disponível pra compra ali. Não importava o quê. Se havia uma fila, era porque algo tinha chegado às prateleiras, e esse algo provavelmente tinha um preço *bueno* – ou seja, um preço acessível em pesos, ou que valia a pena o esforço de comprar em MLC.

Aprendi a ler a cidade através desses sinais. Um grupo de pessoas parado numa esquina nem sempre era um encontro amistoso; era um sinal de que talvez na loja à frente tivesse chegado *algo*.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

A *economia do ahorro* é, em grande parte, uma economia da informação. Quem sabe primeiro, compra primeiro. E essa informação circula por redes de confiança: a família, os amigos, os vizinhos.

O Juan saía às 7h pra bodega em busca de ovos, pão e queijo pro café da manhã. Logo que voltava pra casa, repassava pra Carmen o que estavam comentando nas filas. A Carmen avisava no WhatsApp à sua rede, pra se organizarem, pois as *tiendas* MLC abriam somente às 9h. As mensagens eram curtas e diretas: “*Hay pollo en la Calle San Martín*” ou “*El Encanto tiene jabón*”. Era um sistema de alerta pra bens de primeira necessidade. Um dia, recebi uma dessas mensagens da Carmen: “*Juliana, corre, hay queso en [la tienda] La Isla*”. Me lembrei do seu conselho inicial sobre *ahorrar* e fui. Comprei 5 libras. Não porque eu precisasse de cinco libras naquele momento, mas porque *ahorrar* significava comprar quando havia, quando se tinha um preço *bueno*, não quando ou quanto se precisava.

Essa foi talvez a mudança mental mais difícil pra mim, uma brasileira acostumada à ilusão

da abundância dos supermercados. Em Cuba, a abundância é efêmera. A escassez é a regra. E a *economia do ahorro* é a arte de navegar nessa escassez constante.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

CENA 5 – A VIDA EM DUAS MOEDAS

Juliana: E essa navegação acontece em duas moedas, duas realidades econômicas paralelas. Na *casa de renta* da Carmen, essa dualidade era visível todos os dias. O dinheiro dos hóspedes entrava via transferência internacional ou por meio das plataformas como o Airbnb e TripAdvisor, diretamente numa conta em MLC que eles geriam. Era com esses dólares que eles compravam produtos de higiene, eletroportáteis, ferramentas, roupas de cama, amenidades para os hóspedes nas lojas MLC.

Mas pro almoço da família, era outra história. A Carmen ou o Juan iam ao mercado agropecuário, o “agro”, com uma pilha de pesos. Lá, eles compravam vegetais, frutas, e às vezes carne ou frango, se o preço estivesse *bueno*. A qualidade e a disponibilidade variavam drasticamente de dia pra dia.

Me Lembro de uma conversa com o Juan no pátio, enquanto ele consertava a bomba de água da cisterna da casa. Ele falou sobre a pressão de ter que manter o padrão da *casa [de renta]* pra agradar os turistas estrangeiros, enquanto a sua própria casa, nos fundos, tinha móveis e eletrodomésticos velhos e que eles não conseguiam substituir porque não tinham dólares suficientes na conta MLC, ou porque simplesmente não tinha estoque disponível pra compra nas lojas MLC quando eles tinham dólares suficientes na conta MLC.

Áudio de Juan: Tú no puedes darle a un cliente cualquier cosa. No puedes comprar en la calle cualquier cosa para ofrecérselo a un cliente que pasa algo y después es un problema. ¿Me entiendes? No había ni en MLC, no tenemos un mercado que tú puedas llegar y decir, "Como antes cuando era el CUC que tú ya tú decías, eh, compro esto, esto y esto y esto." Ya tú dices, "Bueno, el desayuno vale tanto, la comida vale tanto." Si usted quiere la paga, si no no la paga, pero ya yo tengo un patrón. Pero no puedo darte un precio hoy y más mañana decirte, "No, eh, ahora te tengo que poner la comida un poquito más cara, porque, su pues sí". Entonces es preferible no dar no dar ese servicio.

Juliana: “*Es una lucha*”, ele resumiu. É uma luta. Uma luta constante pra equilibrar as expectativas do negócio dolarizado com as realidades da vida em pesos. E no centro dessa cadeia tá a troca de moeda. A operação que a Daniela me fez em Havana não era exceção, era a regra. Como o câmbio oficial é tão desfavorável, um circuito não oficial de câmbio floresce por toda a ilha. São pessoas, como a amiga da Daniela, que confiavelmente troca dólares por pesos a uma taxa muito melhor. É arriscado pra ambas as partes, mas é essencial. Sem esse circuito, seria impossível converter os dólares do turismo em pesos pra comprar no “agro” ou pra pagar pequenas despesas. É mais um fio nesse emaranhado econômico complexo.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

CENA 6 – O CORAÇÃO DA QUESTÃO - A ECONOMIA DO AHORRO

Juliana: Todas essas camadas – a história, o embargo, a dualidade monetária, as filas, as redes de informação – convergem pra prática cotidiana do *ahorro*. Como eu disse, *ahorrar* vai muito, muito além de “economizar”. É uma habilidade cognitiva e social constante. É algo que a antropologia chama de epistemologia local *da economía*.

É saber que 0,50 MLC, ou seja, 1/2 MLC, numa loja estatal compra uma garrafa de água de 500 ml, mas que se você comprar uma garrafa de água de um vendedor na rua ou na *tienda MIPYME*, pode pagar o equivalente a 1 ou 2 MLC, mas apenas em pesos cubanos em espécie, e dependendo do dia e da sua habilidade de negociar.

É calcular, como a Carmen faziameticulosamente num caderninho, qual quantidade dos dólares ganhos num mês deve ser guardada pra pagar os impostos à ONAT (a autoridade tributária), qual quantidade deve ser usada pra comprar os produtos de higiene pessoal em miniatura pros hóspedes, qual quantidade pode ser trocada por pesos pros alimentos do dia-a-dia...

E é aí que a gente vê como a casa e o negócio são um amálgama, uma combinação. De um lado, tem o conhecimento formal. Muitos dos *cuentapropistas*, como a Daniela e a Carmen, fizeram cursos de gestão com o Sindicato dos Hoteleiros ou com o Ministério do Turismo. Acessaram cartilhas e manuais. Alguns até eram formados em administração ou

ciências econômicas. Eles aplicavam isso no negócio: calculavam os preços pensando no mercado, eles faziam reformas pra deixar a casa mais bonita pra atrair mais turistas, eles competiam com os outros.

Mas, ao mesmo tempo, existia um saber prático, doméstico, que vinha da experiência de gerir uma casa cubana. A rede de comunicação entre familiares e amigos sobre entradas e preços dos produtos nas *tiendas* estatais e privadas, as trocas cambiais com cambistas com quem estabeleciam relações de confiança, a alocação do dinheiro recebido por remessas internacionais entre o orçamento da família e o orçamento da *casa de renta*, entre outros.

Era essa combinação única que orientava as decisões deles. Dois mundos que se misturavam completamente no dia a dia. Na prática, eles não são *capitalistas* ou *socialistas*. Sua expressão mais significante é o *ahorro* – a gestão astuta de recursos qualitativamente escassos e voláteis.

Esta não é uma economia de “falha do socialismo”. É a adaptação criativa e resiliente do povo cubano a circunstâncias extremamente multifacetadas: um embargo econômico externo perene e décadas de ineficiências de um sistema estatal centralizado. A *economia do ahorro* é a prova de que os sujeitos encontram brechas e criam sistemas complexos de vida mesmo dentro de estruturas muito rígidas.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo]

CENA 7 – CONCLUSÃO - O QUE ISSO TUDO SIGNIFICA?

Juliana: Na minha última semana em Camagüey, eu me sentei com Carmen enquanto ela planejava as despesas do mês. Ela tinha uma pequena caderneta. De um lado, as despesas em dólares do negócio. Do outro, as despesas em pesos da família. Aquela caderneta era um microcosmo de Cuba.

Minha pesquisa me mostrou que não se pode entender Cuba por meio de lentes ideológicas puras. A economia cubana contemporânea não é um modelo, é um emaranhado. É o que as antropólogas Kelly Silva e Lisa Palmer chamam de *ecologias econômicas* – um conjunto de diferentes espécies de noções e práticas econômicas que

coexistem, competem por recursos e se influenciam mutuamente, como o estatal, o turístico-dolarizado, o informal e o doméstico.

[Trilha sonora: música Guajira guantanamera, de Compay Segundo. A música se estende ao longo da fala de Juliana]

Juliana: A realidade de Cuba não é definida por uma vitória do *capitalismo* sobre o *socialismo* ou vice-versa. É moldada pela elaboração constante dessas ecologias econômicas. Pela forma como o estado negocia com os *cuentapropistas*, pela pressão do embargo, pelo fluxo de turistas, pelas remessas de dinheiro de familiares que vivem no exterior.

A economia cubana real não é feita de decretos em Havana, mas das decisões tomadas nas casas, como nas casas de Camagüey: estocar ou não estocar arroz? Trocar dólares hoje ou esperar pela taxa melhor de amanhã? Investir no negócio ou ampliar o orçamento alimentar da família?

É uma economia de nuances, de paradoxos e de engenhosidade. É a *economia do ahorro*. E entender isso é essencial pra vermos Cuba além dos preconceitos e das simplificações.

CRÉDITOS

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]

Kelly: Você acabou de ouvir o Podcast Economias Mutantes, uma produção do Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. O episódio de hoje: “Economia do Ahorro: As transformações econômicas em Cuba pelas lentes das casas de renta na província de Camagüey” é produto das pesquisas realizadas por Marina Comin, sob orientação de Kelly Silva. As pesquisas são frutos de fomento do Fundo de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ); e Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O episódio conta ainda com as especialíssimas participações de Patrícia Ferreira de

Almeida e Adenilce Maria de Araújo Silva, nossas gentis interlocutoras da economia solidária no Distrito Federal. Se quiser saber mais sobre os trabalhos do LEEG, acesse o nosso site: www.leeg.dan.bsb.br. Ou ainda, nosso perfil no Instagram: @leeg.unb. Na descrição desse episódio, no site do LEEG, você encontra sua transcrição completa e materiais referentes ao tema. A apresentação e roteiro do episódio foram elaborados por Juliana Silva Chagas, sob orientação de Kelly Silva e Irene do Planalto Chemin; a edição de roteiro, edição de áudio, sonoplastia e finalização é de Irene do Planalto Chemin; a música tema do nosso podcast é de Fábio Popinigis; a narração foi gravada no estúdio da Subsecretaria de Formação Continuada (EAPE), da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a quem agradecemos muito pelo apoio; a identidade visual do nosso podcast é de Rafael Carón; a comunicação e divulgação do nosso podcast tá sob responsabilidade de Irene do Planalto Chemin; a coordenação geral do podcast Economias Mutantes é de Kelly Silva. Obrigada por nos escutar até aqui.

[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal]